



Munich Personal RePEc Archive

The agribusiness in the north and northeast regions of Brazil

Parré, José Luiz and Guilhoto, Joaquim José Martins

Universidade de São Paulo, Universidade Estadual de Maringá

2001

Online at <https://mpra.ub.uni-muenchen.de/54668/>

MPRA Paper No. 54668, posted 26 Mar 2014 11:56 UTC

O AGRONEGÓCIO NAS REGIÕES NORTE E NORDESTE DO BRASIL

JOSÉ LUIZ PARRÉ

Professor Assistente do Departamento de Economia da Universidade Estadual de Maringá, Doutorando em Economia Aplicada (ESALQ/USP). e-mail: jlparre@uem.br.

JOAQUIM JOSÉ MARTINS GUILHOTO

Professor Associado do Departamento de Economia, Administração e Sociologia da ESALQ/USP e do Regional Economics Applications Laboratory (REAL) da University of Illinois (EUA). e-mail: guilhoto@usp.br.

RESUMO:

O objetivo principal deste artigo é analisar o nível de desenvolvimento do agronegócio ou complexo agroindustrial nas regiões Norte e Nordeste do Brasil para os anos de 1985, 1990 e 1995, utilizando matrizes de insumo-produto inter-regionais. São apresentados resultados sobre a composição e sobre as principais características dos fluxos inter-regionais do agronegócio nas regiões Norte e Nordeste.

PALAVRAS-CHAVE: Agronegócio, insumo-produto, desenvolvimento regional.

ABSTRACT:

The main goal of this paper is to analyze the level of development in the Agribusiness of the Brazilian regions North and Northeast for the years of 1985, 1990 and 1995; using inter-regional input-output analysis. The results obtained show: how the Agribusiness is structured inside the regions; and how the trade flows of the Agribusiness take place among the regions.

1 INTRODUÇÃO

A desigualdade entre as regiões a respeito de crescimento e distribuição de renda tem sido uma característica da economia brasileira desde os tempos coloniais, e cada um dos ciclos de exportação de produtos primários do passado beneficiou uma ou outra região específica. Segundo Baer (1995), *“a substituição histórica de regiões economicamente favorecidas chegou ao fim no século XX, com a região Sudeste do país, que era a área dinâmica de exportação no início do processo de industrialização, tornado-se a região líder da economia brasileira”*.

Ao analisar o *“novo padrão agrícola brasileiro”*, Hoffmann *et al.* (1985) observam que *“Todas essas transformações ... apresentam uma característica comum ..., que é a de terem se processado de forma desigual em dois sentidos: regionalmente, beneficiaram os estados do Centro-Sul, particularmente o estado de São Paulo; dentro de cada estado, atingiram preferencialmente os médios e grandes estabelecimentos agropecuários. É preciso enfatizar, porém, que, já em 1960, essas características regionais e entre estabelecimentos eram acentuadas, devido à própria evolução histórica de cada região...”*.

Associando os aspectos da modernização da agricultura brasileira às características do surgimento e da expansão do complexo agroindustrial ou agronegócio brasileiro, ou seja, o aperfeiçoamento das relações agricultura-indústria, que não se deu de modo uniforme e simultâneo em todo o país, chega-se ao seguinte questionamento, que, de certa maneira, resume a essência desta pesquisa: de que forma o nível de desenvolvimento das regiões determina a constituição e a influência do agronegócio nas regiões e entre estas, e como o agronegócio afeta o desenvolvimento regional e, particularmente, o desenvolvimento da agricultura regional. Neste sentido, são testados os parâmetros sugeridos por Malassis (1969), que relacionam o grau de desenvolvimento das regiões e a estrutura do agronegócio. Esses parâmetros são apresentados no item 3 deste artigo.

Como objetivo geral, este artigo pretende analisar o nível de desenvolvimento do agronegócio ou complexo agroindustrial das regiões Norte e Nordeste do Brasil para os anos de 1985, 1990 e 1995; utilizando matrizes insumo-produto inter-regionais. Devido

ao fato de a matriz inter-regional disponível das macrorregiões brasileiras (desenvolvida por Crócomo e Guilhoto, 1998) apresentar como base o ano de 1985, foi necessário, através da metodologia insumo-produto, obter a mesma matriz para 1990 e 1995; além disso, foi desenvolvida uma metodologia que possibilitou dimensionar o agronegócio de cada região e obter suas inter-relações com a economia e com o agronegócio das demais regiões do país.

2 CARACTERÍSTICAS DA ECONOMIA E AGRICULTURA DAS REGIÕES NORTE E NORDESTE

A ocupação e o povoamento do Brasil se deram por meio de surto de atividades exportadoras que, sucedendo-se ao longo do tempo, foram fixando populações em diferentes pontos do território nacional. E, conforme o sucesso ou insucesso da exploração econômica - em particular, a capacidade ou incapacidade de levar à diversificação e à industrialização - estabeleceram-se diferenciações nítidas entre esses focos isolados de civilização, bem retratadas nos indicadores econômicos e sociais, consagrando a herança regional do desenvolvimento do país.

Nesse sentido, o ciclo da cana-de-açúcar nos séculos XVI e XVII favoreceu o Nordeste; o de exploração de ouro (séculos XVII e XVIII) levou o dinamismo da economia para a área de Minas Gerais e do Sudeste do país; a expansão da exportação de café do século XIX favoreceu primeiro o interior do Rio de Janeiro e, posteriormente, o estado de São Paulo. No século XX, entretanto, segundo Baer (1995), a substituição histórica de regiões economicamente favorecidas chegou ao fim. O Sudeste do país, que era a área dinâmica de exportação no início do processo de industrialização, tornou-se também a região líder da economia brasileira e o principal beneficiário do crescimento econômico do país.

2.1 Região Norte

A Amazônia permanece até o início da Segunda metade do século XIX como uma economia de extrativismo, com quase nenhuma integração ao mercado nacional. A

exportação de borracha propiciou uma grande expansão da região, no período de 1870 a 1912, porém este surto expansionista não conseguiu desenvolver na região uma economia dinâmica do ponto de vista capitalista. A região permaneceria estagnada até o início da década de 1940, quando então se vincularia ao mercado nacional através da produção de borracha, fibras (malva e juta) e pimenta-do-reino.(Cano, 1981 e Hoffmann et al, 1985)

Durante as décadas de 70 e 80 , a região Norte registrou crescimento do PIB mais intenso do que o país como um todo, na primeira metade dos anos 80 a taxa de crescimento regional foi cerca de cinco vezes superior ao do país. Ainda assim, o PIB da região Norte é muito inferior ao potencial da região, atingindo uma participação máxima de 5,3% na composição do PIB nacional, obtido no ano de 1995 (figura 1).

Em 1950, a agropecuária foi responsável por quase 1/3 do produto regional, diminuindo em importância relativa até 1985 e recuperando-se em 1995, produzindo, respectivamente, 13,4% e 21,0% do produto regional. O setor industrial apresentou comportamento inverso, participou com apenas 11,3% da produção, em 1950, chegando a 1985 com 44,3% do produto regional, para perder importância em 1995 participando com apenas 32,0%. Os serviços apresentam grande participação em 1985 e 1995, com 42,3% e 47,0%, respectivamente, (BRASIL,1993 e figura 2). A queda do setor industrial reflete uma crise na produção industrial na Zona Franca de Manaus.

A mudança na posição relativa entre os setores da indústria e dos serviços pode ser visualizado na figura 2, esta figura também demonstra o aumento na participação do setor agrícola no período 1985/1995. Um dos motivos do crescimento do setor de serviços, como observa Cano (1998), foi a elevada taxa de urbanização da região, que passou de 42,0% em 1970, para 58,0% em 1991; estimulando a criação e a diversificação de atividades ligadas ao setor de serviços.

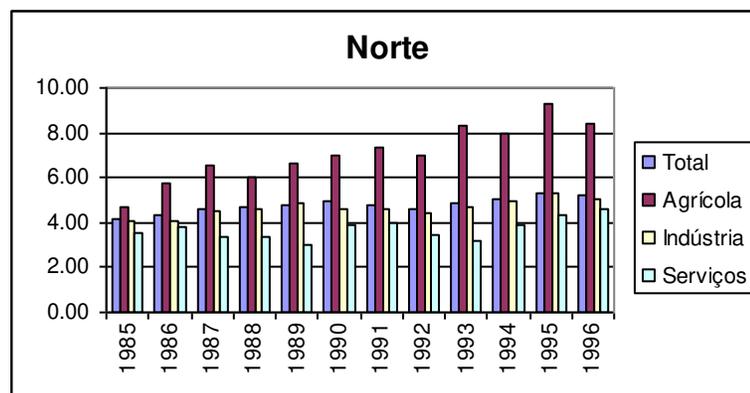
A importância da região Norte para a composição do PIB setorial do Brasil pode ser analisada pela figura 1. Pode-se perceber que a região Norte é a que menos participa do PIB nacional, tanto em nível agregado (PIB total) quanto desagregado (com exceção do setor industrial, que supera a participação da região Centro-Oeste); porém, entre os

setores o que melhor se coloca é a agropecuária com uma participação de 8,4% em 1996, e o pior é o setor de serviços com participação de 4,6% no mesmo período.

A evolução do setor agropecuário caracteriza-se pelo crescimento de 407% na área dedicada à lavoura permanente, enquanto que a lavoura temporária registra aumento de 178% entre 1970 e 1985. O padrão tecnológico da agricultura do norte também avançou, ocorrendo a tecnificação da atividade a taxas superiores às observadas para o país como um todo, ainda que as diferenças absolutas em relação ao Sudeste, Sul e Centro-Oeste sejam muito grandes. No reajuste resultante dessas transformações, as atividades do extrativismo vegetal e das culturas alimentares perderam espaço, enquanto o cultivo de produtos agrícolas para exportação cresceu (BRASIL, 1993).

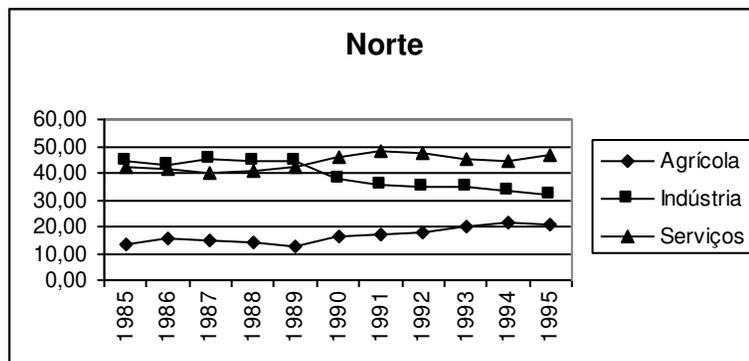
Na Amazônia (principalmente em Rondônia e no Pará), a expansão do setor agropecuário se deve ao aumento dos efetivos de bovinos e aves, ao arroz, ao feijão, à mandioca e ao milho, lavouras típicas da pequena produção de “fronteira” (Cano, 1998).

O setor agropecuário da região Norte beneficiou-se de várias políticas empreendidas pelo Governo Federal no sentido de estimular o crescimento e desenvolvimento da região. Entre 674 projetos agropecuários e agroindustriais aprovados pela SUDAM (Superintendência do Desenvolvimento da Amazônia) até 1985, 94 foram tidos como implantados. Mas apenas três desses 94 projetos tinham alguma rentabilidade no período, sendo que um único aspecto da política de incentivos fiscais funcionou como o previsto: a concessão de recursos oficiais (BRASIL, 1993).



Fonte: Considera e Medina (1998), organizado pelo autor.

Figura 1: Participação da região Norte no PIB total e setorial do Brasil, 1985/96, em %.



Fonte: Considera e Medina (1998), organizado pelo autor.

Figura 2: Distribuição do PIB da região Norte por setores econômicos, 1985/95, em %.

2.2 Região Nordeste

O Nordeste experimenta, já no século XIX, a decadência do açúcar e do algodão, que se tornam produtos marginais no mercado internacional, enquanto a pecuária, associada com a agricultura de subsistência, permitiria a manutenção e reprodução do “grande reservatório de mão-de-obra nacional”. Depois de 1929, soma-se o fato de São Paulo também incrementar a produção de açúcar (passando a ser em 1955 o maior produtor individual) e algodão para o mercado interno, ficando cada vez mais difícil o desenvolvimento industrial do Nordeste (Hoffmann et al, 1985).

No período de 1970-75 a participação do Nordeste no PIB brasileiro caiu, significando que a região não se beneficiou significativamente da fase do “milagre”. A partir de 1975 o crescimento ocorre e a região como um todo se beneficia dos maciços investimentos que são realizados, contudo, o crescimento é muito variado e diferenciado.

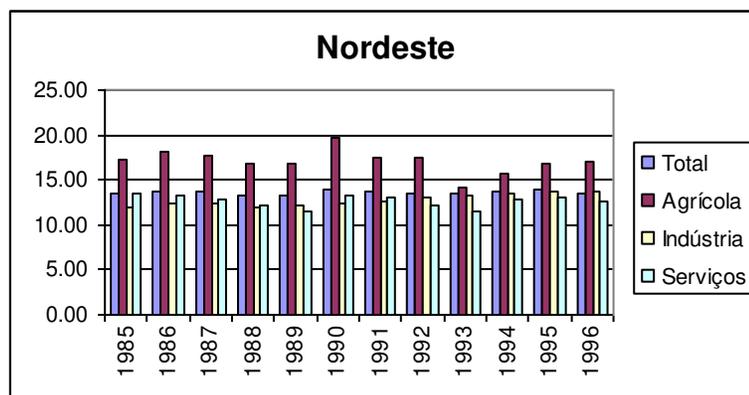
A região NE tem se integrado com as regiões mais dinâmicas do país, principalmente através dos pólos químico e petroquímico. Entretanto, apesar do impacto positivo nas taxas de crescimento da economia nordestina, o processo de integração interregional não tem apresentado fortes encadeamentos intrarregionais que se manifestem sob a forma de estímulos a todos os setores e atividades econômicas do Nordeste (BRASIL, 1993).

Nas décadas de 70 e 80 ocorreram algumas transformações pontuais e localizadas na agricultura nordestina. Estas transformações decorreram do incremento de algumas culturas não tradicionais do Nordeste, que, pelo valor de mercado relativamente alto,

passaram a ter participação maior no valor da produção agrícola do NE. O aumento da produção de frutas (mamão, manga, melancia e uva) deveu-se à expansão da agricultura irrigada na área do submédio São Francisco; o aumento da produção de cacau e abacaxi respondeu à expansão do cultivo em manchas climáticas favoráveis do sertão e do agreste. Também ocorreu aumento da participação relativa do tomate, do café, da soja e da borracha. Esses produtos que, conjuntamente, representavam, em 1970, 3,1% do valor da produção agrícola do NE, elevaram sua participação para 13,5%, em 1989 (BRASIL, 1993).

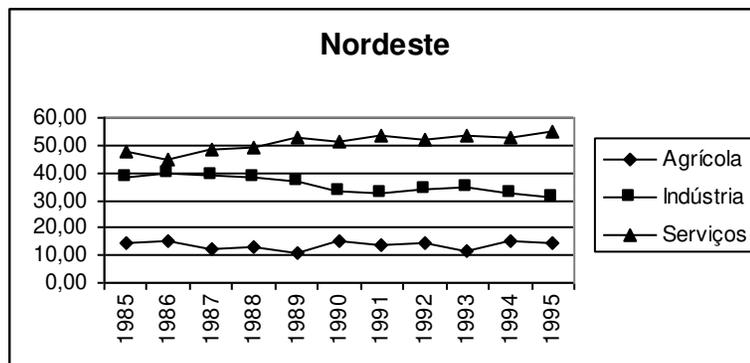
Ao analisar, pela figura 4, a composição do PIB regional do Nordeste verifica-se que a agricultura manteve uma participação média de 14,0% no período 1985/1995, atingindo o valor máximo de 14,9% em 1990. O setor industrial apresentou um decréscimo em sua participação no período analisado, caindo de 38,2% em 1985 para 31,2% em 1995. E o setor de serviços apresentou um aumento de 47,5% em 1985 para 54,6% em 1995, mantendo-se como o setor mais importante da região.

A participação da região Nordeste na composição do PIB setorial do Brasil pode ser analisada pela figura 3. Percebe-se que a região Nordeste contribui em média com aproximadamente 13,5% do PIB nacional total, porém, entre os setores o que melhor se coloca é a agropecuária com uma participação média de 17,0% no período 1985/1995, enquanto os setores industrial e de serviços participam, em média, com 12,7%.



Fonte: Considera e Medina (1998), organizado pelo autor.

Figura 3: Participação da região Nordeste no PIB total e setorial do Brasil, 1985/96, em %.



Fonte: Considera e Medina (1998), organizado pelo autor.

Figura 4: Distribuição do PIB da região Nordeste por setores econômicos, 1985/95, em %.

3. REFERENCIAL METODOLÓGICO

O referencial metodológico dessa pesquisa, para atender aos objetivos propostos, está dividido em duas partes: uma utilizou a teoria das matrizes de insumo-produto interregionais, para obtenção das matrizes para os anos de 1990 e 1995¹; e a outra parte da metodologia trata do método de dimensionamento do agronegócio para o Brasil e suas macrorregiões. Será apresentado, a seguir, de forma resumida, o método de dimensionamento do agronegócio a partir de uma matriz inter-regional, a apresentação completa deste método pode ser vista em Parré (2000).

3.1 Dimensionamento do agronegócio para as regiões brasileiras

Diversos autores preocuparam-se em “medir” a importância do complexo agroindustrial ou agronegócio na economia brasileira, entre os trabalhos que se destacaram nesta tarefa pode-se citar Araújo et al. (1990); Lauscher (1995); Furtuoso (1998) e Montoya & Guilhoto (1999).

Basicamente, os autores dessas pesquisas mensuraram o agronegócio partindo de uma visão sistêmica, utilizando-se de matrizes insumo-produto nacionais, para considerar os fluxos e transferências de insumos e de produtos entre os setores. Outro ponto em comum entre as pesquisas foi a utilização dos trabalhos de Davis & Goldberg

(1957) e Malassis (1969) como referencial teórico para a metodologia de mensuração do agronegócio.

A metodologia de mensuração do agronegócio utilizada neste artigo toma como referencial metodológico básico os trabalhos de Lauscher (1995); Furtuoso (1998) e Montoya & Guilhoto (1999). Entretanto, pelo fato desses autores analisar o agronegócio brasileiro de forma agregada e a proposta do artigo é a de mensurar o agronegócio das regiões brasileiras, bem como as relações de dependência que existem entre estas regiões, deve-se desenvolver uma metodologia de mensuração que considere esses objetivos.

O quadro 1 apresenta a matriz insumo-produto inter-regional simplificada para a região Nordeste do Brasil, sendo que as relações intra-regionais da demanda intermediária da região Nordeste apresentam-se desagregadas em 17 setores produtivos, os quais estão especificados no quadro. Esta forma de apresentação da matriz inter-regional – destacando o setor agroindústria – permite que se dimensione o agronegócio para a região – Nordeste, no caso – bem como as inter-relações com as outras regiões.

As colunas do Quadro 1 representam os setores da demanda, divididos em demanda intermediária (A) e demanda final (F). No caso, a demanda intermediária da região Nordeste (M) é apresentada desagregada em 17 setores, enquanto a demanda intermediária das outras regiões que compram dos setores da região Nordeste é apresentada de forma agregada. Por exemplo, $z_{1,7}$ representa quanto o setor da agroindústria compra do setor agropecuário, sendo que ambos os setores são pertencentes à região Nordeste; e Z_I^{ML} mostra quanto os setores em conjunto da região Norte (L) compram do setor agropecuário da região Nordeste (M), esses fluxos inter-regionais podem ser considerados exportações para demanda intermediária ou exportações DI.

Vale lembrar que as compras realizadas na demanda intermediária servem como insumos no processo produtivo das regiões, ou seja, representam o consumo intermediário das regiões.

¹ Para poupar espaço, não será apresentado o modelo inter-regional de insumo-produto, os interessados podem encontrar esta apresentação em Parré (2000), onde consta, também, uma versão completa das matrizes inter-regionais obtidas para 1985, 1990 e 1995.

As colunas da demanda final (Y) no quadro 1 referem-se às compras das regiões feitas aos setores da região Nordeste que serão destinadas ao consumo final. Estas transações podem ser consideradas exportações para demanda final ou exportações DF.

Os setores da demanda final são subdivididos em consumo das famílias (C), consumo do governo (G), investimento (I) e exportações (X); entretanto, no quadro 1, eles estão apresentados de maneira agregada.

Um aspecto importante da construção da matriz inter-regional do Brasil deve ser destacado: as exportações (X) representam as vendas para o exterior (R) ou resto do mundo; e, como a matriz trata da região Nordeste (M) esses valores estão representados apenas na coluna da demanda final NE (M), para as outras regiões o valor das exportações é zero. Por exemplo, Y_I^{ML} mostra quanto a região Norte (L) compra do setor agropecuário da região Nordeste, sendo que essas compras são destinadas a C, G ou I; e Y_I^{MM} representa as compras ao setor agropecuário dentro da região Nordeste destinadas a C, G, I ou X.

Com relação às compras dos setores da região Nordeste feitas aos setores das outras regiões a matriz destaca apenas as compras de suprimentos, pois as compras para consumo final estarão representadas na demanda final das matrizes das outras regiões em estudo. Por exemplo, na matriz da região Norte haverá uma coluna de demanda final para a região Nordeste, indicando as compras feitas por esta região de produtos originários da região Norte, para consumo final

Nesse sentido, por exemplo, $z_{7,1}$ representa quanto o setor agropecuário compra do setor agroindústria, ambos da região Nordeste; m_1^R indica quanto o setor agropecuário da região Nordeste compra (importa) do exterior ou resto do mundo; m_1^L mostra quanto o setor agropecuário da região Nordeste compra (importa) do conjunto de setores da região Norte (L).

Com base nas informações, pode-se desenvolver o método para o cálculo do agronegócio na região Nordeste do Brasil e, da mesma forma, para as demais regiões. Considerando-se que a estrutura do agronegócio está dividida em três partes:

- a) uma parte que precede a produção rural, que engloba o conjunto de setores fornecedores de insumos e fatores de produção para as propriedades rurais,

denominado de agregado I ou montante do agronegócio, ou ainda, indústria para a agricultura;

- b) o setor de produção rural ou, apenas, setor agropecuário, denominado de agregado II;
- c) os setores que recebem a produção agropecuária para agregar valor através do armazenamento, processamento e distribuição para o consumidor final, chamado de agregado III ou jusante do agronegócio.

Uma maneira de comparar o grau de desenvolvimento das regiões através da estrutura do agronegócio foi proposta por Malassis (1969). A avaliação proposta pelo autor considera a participação do agregado II (produção rural) no valor total e, conseqüentemente, a participação do agregado II e III (montante e jusante). Malassis classifica uma economia alimentar de pré-industrial ou agrícola nos casos em que o agregado I (montante) do agronegócio representa 5% do valor do mesmo, o agregado III (jusante) representa 20% e o agregado II (produção rural) participa com 75%. Uma economia atinge, segundo o autor, o nível de economia alimentar industrializada quando, por exemplo, o montante representa 17%, a produção rural participa com 32% e, a jusante participa com 51% do valor total do agronegócio. Nesse sentido, quando o agregado II ou produção rural começa a participar com menos de um terço do valor total do agronegócio, a economia se eleva de um nível pré-industrial para uma economia industrializada.

4 A COMPOSIÇÃO DO AGRONEGÓCIO DAS REGIÕES NORTE E NORDESTE

4.1 Região Norte:

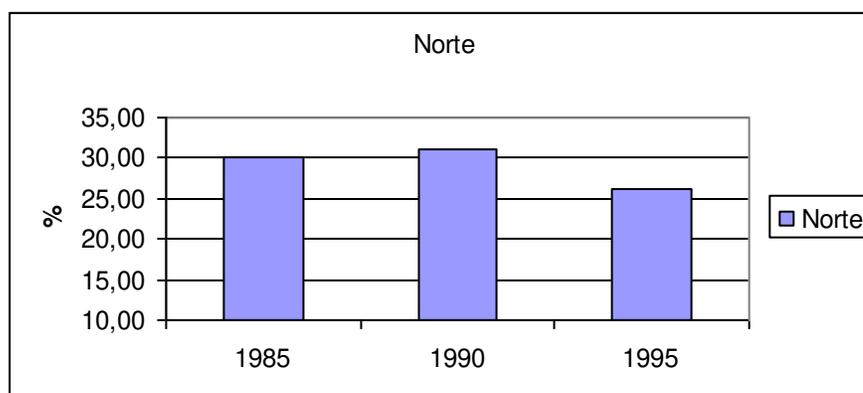
O desenvolvimento da região Norte do Brasil caracterizou-se, nas décadas de 70 e 80, por apresentar taxas de crescimento do produto mais elevadas do que a média nacional, apesar de sua participação na produção brasileira de bens e serviços apresentar uma importância reduzida.

A década de 90 indica que o processo de migração para a região encerrou-se. Com o fim de alguns incentivos do Governo para a agricultura da região ocorre um

processo de urbanização acelerada em algumas cidades devido ao excedente migratório, como explica Martine (1995): “Assim, a rápida expansão do garimpo, das atividades madeireiras, do comércio, do setor de serviços de todas as espécies e até do narcotráfico serviu para multiplicar o assentamento urbano...”.

Paralelo a este processo de aumento do setor de serviços da região ocorre o crescimento da atividade extrativa mineral e metalúrgica, vinculada, principalmente, ao alumínio do Pará. Este processo levou a uma diminuição da parcela do agronegócio na constituição do produto regional. Como pode ser observado na figura 5.

A análise da constituição do agronegócio da região Norte no período 1985/1995 indica um aumento da participação do jusante e da produção agropecuária contra uma diminuição da parcela do montante (figura 6). Entretanto, comparando os dados para 1985 e 1990, percebe-se um aumento do agregado I e uma diminuição do agregado II, para, no período seguinte (1990/1995), ocorrer uma inversão nesse comportamento. Ou seja, entre 1990 e 1995 pode-se supor que houve um ganho tecnológico na agropecuária da região Norte pois, utilizando-se de menos insumos, o valor de sua produção aumentou. Entretanto, como a atividade de extrativismo é importante na região, não há condições de afirmar com certeza, baseando-se apenas nos resultados disponíveis, que esse ganho tecnológico realmente ocorreu.



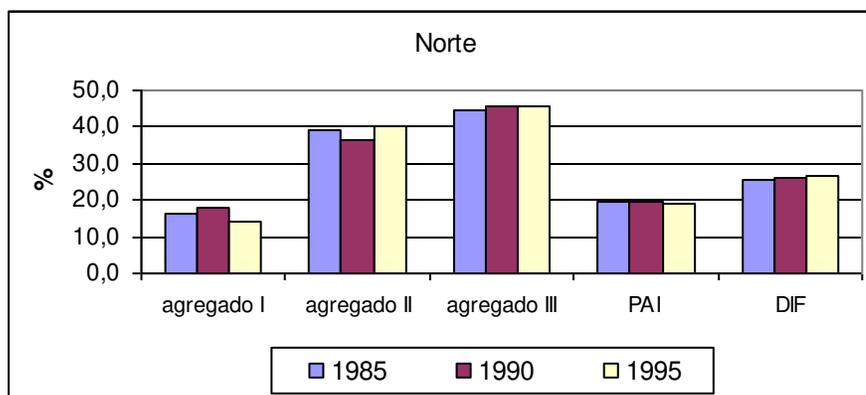
Fonte: Resultados da pesquisa.

Figura 5: Participação do agronegócio na composição do PIB da região Norte, em %.

A distribuição do agronegócio da região Norte entre seus agregados, na concepção de Malassis (1969), classifica a economia da região como pré-industrial pois,

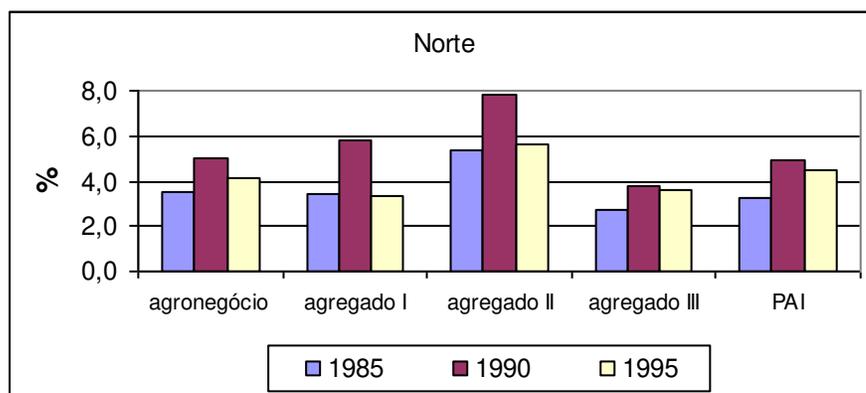
o agregado II participa com 40,1% e o agregado III participa com 45,5% do agronegócio para 1995. Sendo que as perspectivas de alterações nessa participação mostraram-se insignificantes no período de análise, com a produção rural atingindo uma parcela mínima de 36,2% em 1990.

A contribuição da região Norte para a formação do agronegócio brasileiro e de seus agregados pode ser observada na figura 7. Percebe-se que a contribuição maior ocorre no agregado II e deve-se destacar o crescimento da produção agroindustrial da região em relação ao país. Entretanto, as parcelas dessa região são as menores do Brasil. O resultado final, porém, é um aumento da participação do agronegócio da região Norte na formação do valor total do agronegócio brasileiro.



Fonte: Resultados da pesquisa.

Figura 6: Constituição do agronegócio da região Norte, segundo os seus agregados, em %. (Obs.: PAI – Produção Agroindustrial, DIF – Distribuição Final)

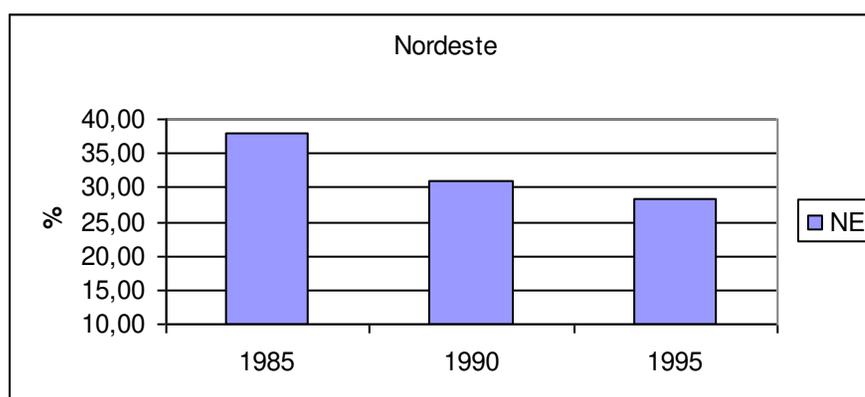


Fonte: Resultados da pesquisa.

Figura 7: Parcela da região Norte no valor total do agronegócio do Brasil, e de seus agregados, em %. (Obs.: PAI – Produção Agroindustrial)

4.2 Região Nordeste:

A participação do agronegócio da região Nordeste na composição do PIB regional apresentou uma queda de quase dez pontos percentuais no período 1985/1995 pois, em 1985 essa participação correspondia a 37,8% e em 1995 foi de 28,3%, como pode ser observado pela figura 8.



Fonte: Resultados da pesquisa.

Figura 8: Participação do agronegócio na composição do PIB da região Nordeste, em %.

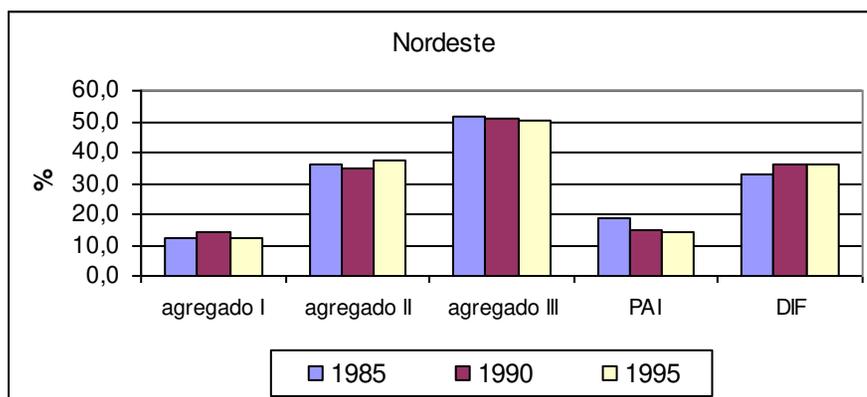
As transformações ocorridas na economia Nordestina nas décadas de 70 e 80 geraram essa diminuição da parcela do agronegócio no PIB da região, como explica Guimarães Neto (1995): “No Nordeste, ocorreu um avanço da indústria de bens intermediários em detrimento da posição relativa que o segmento produtor de bens de consumo não-duráveis tradicionalmente teve na indústria de transformação regional, sobretudo os setores alimentício e têxtil.”

Essa diminuição relativa do setor alimentício na economia do Nordeste pode ser confirmada pela figura 9; esse setor, que representava 18,5% do agronegócio da região em 1985, teve sua parcela diminuída para 14,9% em 1990 e para 14,5% em 1995. O reflexo dessa alteração foi uma diminuição na parcela do agregado III, porém com menor intensidade pois o componente distribuição final aumentou no período

compensando a diminuição relativa da produção agroindustrial. Entretanto, deve ficar claro que essa análise refere-se à região de maneira agregada, pois a literatura destaca a evolução e modernização de complexos agro-industriais em algumas áreas do Nordeste e a própria modernização de algumas unidades do setor têxtil (Araújo, 1995).

Percebe-se, também, um certo aumento da parcela da produção agropecuária entre 1990 e 1995 e uma diminuição da parcela do setor de insumos para a agricultura (agregado I). Entretanto, comparando-se com as outras regiões do país, pode-se dizer que o agronegócio da região Nordeste foi o que menos sofreu alterações em sua composição no período 1985/1995.

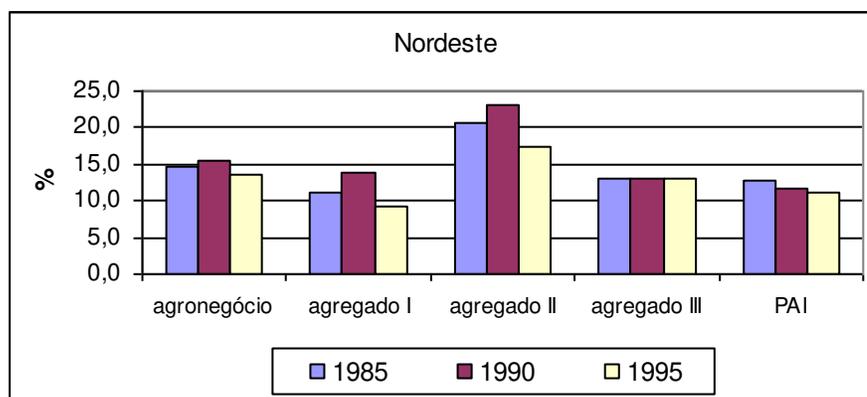
A distribuição do agronegócio da região Nordeste entre seus agregados, nos parâmetros de Malassis (1969), classifica a região como tendo uma economia alimentar em vias de industrialização, ou seja, deixou de ser uma economia pré-industrial, porém ainda não atingiu o nível estrutural de uma economia industrial.



Fonte: Resultados da pesquisa.

Figura 9: Constituição do agronegócio da região Nordeste, segundo os seus agregados, em %. (Obs.: PAI – Produção Agroindustrial, DIF – Distribuição Final)

Da mesma forma que diminuiu a importância do agronegócio dentro da região Nordeste, também diminuiu a importância relativa do agronegócio nordestino em relação ao Brasil (figura 10). Em 1985 a parcela do Nordeste era de 14,8%, passando para 15,4% em 1990 e 13,6% em 1995. O mesmo comportamento ocorreu nos agregados I e II e na produção agroindustrial nordestina. Apenas o setor jusante manteve sua parcela em relação ao Brasil no período de análise.



Fonte: Resultados da pesquisa.

Figura 10: Parcela da região Nordeste no valor total do agronegócio do Brasil, e de seus agregados, em %. (Obs.: PAI – Produção Agroindustrial)

5 AS TRANSAÇÕES INTERREGIONAIS DO AGRONEGÓCIO

Após analisar o agronegócio de cada região, resta saber as relações inter-regionais que existem entre os mesmos; ou seja, as relações de compra e venda que ocorrem entre as regiões relativas ao agronegócio. A obtenção dessas informações permitirá saber quais os maiores “parceiros econômicos” por vias internas com relação ao agronegócio de cada região.

5.1. Exportações e importações do agronegócio brasileiro para o exterior.

A tabela 1 demonstra que todas as regiões do país aumentaram seu comércio com outros países, ou seja, ocorreu um aumento do valor das exportações regionalizadas desde a década de 70. Como explica Guimarães Neto (1995), esse desempenho foi devido aos grandes estímulos fiscais e financeiros oferecidos pelo Governo na década de 70 e, nos anos 80, a crise, a instabilidade da economia e a retração do mercado interno e a necessidade de gerar divisas para o pagamento da dívida externa, induziram grande parcela da atividade econômica do país a voltar-se para o exterior. As importações apresentaram grande crescimento entre 1970 e 1980; com uma queda entre 1980 e 1985; voltando a crescer a partir da segunda metade da década de 80.

Dentro dessa perspectiva, a região Norte, através principalmente da venda de minérios e produtos metalúrgicos provenientes do complexo Carajás, aumentou suas exportações de US\$ 87 milhões em 1970, para US\$ 2,4 bilhões em 1995; um crescimento maior que a média nacional. A região Nordeste apresentou um crescimento menos intenso, porém significativo, principalmente nos Estados da Bahia e do Maranhão; essa região aumentou suas vendas para o exterior de US\$ 407 milhões em 1970 para US\$ 3,0 bilhões em 1990 e US\$ 4,2 bilhões em 1995.

Tabela 1: Exportações e importações segundo as regiões do Brasil. Em milhões de Dólares correntes, 1970 a 1995.

		1970		1980		1985		1990		1995	
		valor	%	valor	%	valor	%	valor	%	valor	%
Norte	Exp.	87	3,1	596	3,4	539	2,3	1794	5,8	2433	5,3
	Imp.	114	3,8	908	3,6	594	4,1	1393	6,7		
NE	Exp.	407	14,6	2297	13,3	2526	11,0	3030	9,7	4240	9,3
	Imp.	178	5,9	1590	6,4	834	5,8	1492	7,2		
CO	Exp.	10	0,4	53	0,3	116	0,5	563	1,8	987	2,2
	Imp.	4	0,1	150	0,6	34	0,2	171	0,8		
SE	Exp.	1587	57,0	10169	58,7	14284	62,2	18929	60,9	26635	58,3
	Imp.	2449	80,6	18438	73,9	11473	80,1	15396	74,6		
SU	Exp.	692	24,9	4200	24,3	5496	23,9	6767	21,8	11401	25,0
	Imp.	292	9,6	3874	15,5	1396	9,7	2196	10,6		
Brasil	Exp.	2783	100,0	17315	100,0	22961	100,0	31083	100,0	46506	
	Imp.	3037	100,0	24960	100,0	14331	100,0	20648	100,0	49858	
	Dif.	-254		-7645		8630		10435		-3352	

Fonte: CACEX/IBGE, citado por Guimarães Neto (1995); e Anuário Estatístico do Brasil 1997, para os dados de 1995. Obs.: Do total exportado de 1995, US\$ 811 milhões são não-declarados

Vale lembrar, ainda a afirmação de Guimarães Neto (1995) sobre a composição da pauta de exportações do Brasil: “A crescente inserção da economia brasileira na economia internacional vem ocorrendo através da ampliação das exportações de produtos manufaturados em detrimento dos produtos básicos, que em décadas passadas caracterizaram o perfil exportador do país”.

A tabela 2 apresenta as participações das regiões nas exportações por grandes classes de produtos. Percebe-se que a região Norte e a Sudeste aumentaram suas participações nas exportações de produtos básicos entre 1975 e 1990, mesmo com esses produtos perdendo espaço nas exportações internas dessas regiões, seguindo a tendência ocorrida no país. Outra região que teve sua parcela aumentada foi o Centro-Oeste.

A região Norte aumentou sua parcela nos produtos básicos e semi-manufaturados. A região Nordeste, foi a que apresentou maior diminuição em suas participações nas classes de produtos básicos e semi-manufaturados, seguindo a

tendência de queda de sua parcela nas exportações brasileiras indicada na tabela 1. Com relação aos produtos manufaturados, as participações apresentaram poucas alterações no período, com uma pequena queda da parcela da região Sudeste.

Tabela 2: Distribuição espacial das exportações por classes de produtos. Em percentagem. (base em US\$ 1,00).

	básicos				Semimanufaturados				Manufaturados			
	1975	1980	1985	1990	1975	1980	1985	1990	1975	1980	1985	1990
Norte	3,6	4,5	5,2	11,1	1,8	5,2	3,2	12,5	1,3	2,3	0,9	1,1
NE	25,0	20,6	13,4	8,6	28,1	21,1	18,7	17,9	7,7	6,3	8,4	8,0
CO	0,6	0,4	1,1	4,3	0,1	0,8	0,9	1,0	0,5	0,1	0,2	0,2
SE	37,3	37,8	42,0	43,1	41,3	49,9	59,0	55,7	72,9	75,1	71,7	71,8
Sul	33,4	36,7	38,3	33,0	28,7	22,9	18,2	12,9	17,6	16,1	18,7	18,9
Brasil	100	100	100	100	100	100	100	100	100	100	100	100

Fonte: CACEX, citado por Araújo (1995). Adaptado pelo autor.

A tabela 3 apresenta a distribuição das exportações e das importações do agronegócio das regiões Norte e Nordeste do país. Os segmentos de produção agropecuária (agregado II) e de produção agroindustrial do agronegócio, e as respectivas exportações e importações regionais estão representadas nessa tabela. A soma de todas as participações representa o total para o Brasil. Por exemplo, a região Norte participa com 1,69% das importações e 4,96% das exportações do setor de produção agropecuária do Brasil para o ano de 1985; sendo que a sua participação no valor total da produção do setor é de 5,35%. Portanto, essa tabela permite que se tenha uma visão da importância de cada região nas relações de comércio exterior do agronegócio brasileiro, e as alterações que ocorreram entre 1985 e 1995.

As importações de insumos pelo setor agropecuário indicaram uma diminuição da participação da região Nordeste, cuja parcela de 10% em 1985 foi para 8% em 1995, indicando um certo “fechamento” da economia dessa região com relação às compras do exterior.

Os resultados sobre exportações de produtos agropecuários (agregado II) para o exterior indicam um aumento na parcela das duas regiões em análise. Outro destaque é o aumento da parcela da região Norte no total exportado pela agroindústria brasileira,

passando de 1,6% em 1985 para 5,5% em 1995. A região Nordeste diminuiu sua parcela no total exportado pela agroindústria.

As exportações totais indicam um crescimento da parcela da região Norte, entre 1985 e 1995, contra uma pequena diminuição da parcela da região Nordeste. Esse comportamento reflete o crescimento do agronegócio da região Norte e uma certa estagnação deste setor na região Nordeste.

Tabela 3: Participação das regiões Norte e Nordeste nas exportações e importações para o exterior, (Brasil=100).

	Região Norte (%)			BRASIL (valores)		
	1985	1990	1995	1985	1990	1995
A – Agregado II	5,35	7,81	5,67	127971	2300430	52245662
Importações do exterior	1,69	2,51	1,67	590	27820	1002873
exportações para o exterior	4,96	16,41	7,97	5856	57199	958129
B - Produção Agroindustrial (PAI)	3,22	4,93	4,47	105420	1957553	31337081
Importações do exterior	1,25	2,33	2,73	5726	162241	4487335
exportações para o exterior	1,57	9,18	5,48	13768	170829	3542968
Total de exportações (A + B)	2,58	10,99	6,01	19625	228028	4501098
	Região Nordeste (%)					
	1985	1990	1995			
A – Agregado II	20,64	23,14	17,32			
Importações do exterior	10,01	11,58	8,07			
exportações para o exterior	19,50	27,82	25,36			
B - Produção Agroindustrial (PAI)	12,82	11,57	11,14			
Importações do exterior	17,01	12,29	9,87			
exportações para o exterior	17,24	16,88	14,38			
Total de exportações (A + B)	17,92	19,63	16,72			

Fonte: Resultados da pesquisa. Obs.: O total para o Brasil é indicado em valores correntes.

5.2. As transações interregionais da região Norte

As tabelas 1 e 2 demonstraram o dinamismo das exportações da região Norte do Brasil, influenciada, principalmente, pelos investimentos na minero-metalurgia do complexo Carajás. Entre 1970 e 1990, as exportações brasileiras apresentaram uma taxa de crescimento de 12,8% ao ano, enquanto a região Norte registrou um crescimento anual nas exportações de 16,0%, perto de 30,0% superior à média nacional (Buarque et al, 1995). Assim, as exportações da região Norte elevaram sua participação no total exportado pelo Brasil, passando de 3,1% em 1970 para 5,8% em 1990, sendo que em

1995 houve uma queda para 5,3% (tabela 1). Entretanto, ocorreu no período 1970/1985 uma redução do coeficiente de exportação da região, diminuindo de 10,6% para 5,19%. Nesse mesmo período, o coeficiente do Brasil aumentou de 6,12% em 1970 para 9,35% em 1985 (Buarque et al, 1995).

O agronegócio da região Norte apresentou, entre 1985 e 1995, uma relativa diminuição de suas importações e exportações totais. A tabela 4 apresenta as transações do agronegócio da região Norte com as outras regiões do país e com o exterior.

Observa-se que do total de insumos utilizados pelo setor de produção agropecuária da região, que constitui o montante do agronegócio, 29,0% são importados do exterior e de outras regiões do país, para o ano de 1995. Com destaque para as importações originárias da região Sudeste que representam 73,6% desse total. A análise das importações desse segmento mostra uma diminuição da participação das importações no total do montante de 32,9% em 1985 para 29,0% em 1995. Entretanto, a participação dos insumos importados do exterior do país nesse total aumentou de 1,1% para 5,5% no mesmo período.

Da produção agropecuária da região em 1985, 62,3% foi exportada; sendo que esse valor diminuiu para 46,5% em 1990 e teve um aumento para 48,5% em 1995. Confirmando as informações de que essa região aumentou suas exportações de produtos básicos para o resto do Brasil e para o exterior, como demonstrado na tabela 2. As exportações são divididas entre exportações para a demanda intermediária (DI) e exportações para a demanda final (DF). As exportações para a demanda intermediária das outras regiões serão utilizadas como insumos no processo produtivo das regiões, e as exportações para a demanda final destinam-se ao consumo final das regiões. Para o setor de produção agropecuária da região Norte, as exportações DI são mais importantes, representando 62,8% do total de exportações do setor para o ano de 1995, ou seja, a região Norte é fornecedora de insumos para a agroindústria das outras regiões do país.

A pequena agroindústria da região Norte exporta sua produção para o exterior e para a demanda intermediária e final das outras regiões do país. A participação dessas exportações no total produzido diminuiu de 35,5% em 1985 para 31,9% em 1995. O destaque são as exportações para o exterior que aumentaram sua parcela no total de

exportações de 18,0% em 1985 para 43,5% em 1995. Nesse ano, as exportações DI representaram 24,4% e as exportações DF participaram com 32,1% do total de exportações.

Seguindo a tendência de diminuição relativa das exportações, observa-se que a participação do total de exportações no total produzido pelo agronegócio da região cai de 31,2% em 1985 para 25,5% em 1995, porém, essa participação é uma das maiores do país. . E o coeficiente de exportações do agronegócio no PIB regional também diminui de 9,4% em 1985 para 6,7% em 1995, refletindo a queda do próprio agronegócio na constituição do PIB da região (última linha da tabela 4).

5.3. As transações interregionais da região Nordeste

A economia da região Nordeste apresentou entre 1985 e 1995 uma diminuição de sua parcela nas exportações brasileiras, como foi observado na tabela 1. Esta diminuição ocorreu principalmente com relação aos produtos básicos e semimanufaturados (tabela 2). Dentro da região, os Estados que aumentaram suas vendas para o mercado externo entre 1975 e 1990 foram o Maranhão, Piauí, Sergipe, Bahia e Ceará; enquanto os Estados de Alagoas e Pernambuco exportaram em 1990 um valor menor do que em 1975 (Araújo, 1995).

Com relação à pauta de exportações do Nordeste, Araújo (1995) apresenta informações que mostram um grande crescimento das relações com o exterior via vendas de manufaturados, sendo que, entre 1975 e 1990, o peso relativo dos manufaturados no total exportado pela região aumentou de 12,9% para 44,9%. Embora na pauta nordestina os produtos semimanufaturados tenham tido, em 1990, maior peso relativo que o mesmo item na pauta brasileira, respectivamente, 30,1% e 16,5%.

O mercado extra-regional prevalece como destino da produção de alguns segmentos da indústria de transformação, caso de bebidas (99%), borracha (88%), couros e peles (87%), material elétrico (76%) e química (61%). Os equipamentos

utilizados na montagem do novo parque industrial foram importados do Sudeste (49%) e do exterior (33%) (dados da SUDENE e BNB, 1992; citados por Araújo, 1995).

A autora também destaca as relações econômicas extra-regionais estabelecidas pelos novos pólos agrícolas do Nordeste, com destaque para a soja do oeste baiano, do sul do Maranhão e do Piauí. A produção agroindustrial associada à irrigação tanto no Vale do São Francisco (BA e PE) como no Vale do Açu (RN).

O comércio interregional do agronegócio nordestino sofreu o impacto da diminuição das exportações da região, pois a participação das exportações totais desse setor no PIB regional caíram de 3,5% em 1985 para 2,4% no ano de 1995, uma das menores participações entre todas as regiões do país. O setor exportou para o exterior e para as outras regiões do país 8,4% de sua produção em 1995; o que representou uma queda comparando com 1985, cuja exportação representou 9,3%, como pode se observado nas últimas linhas da tabela 5.

As importações de insumos utilizados pela agropecuária da região situou-se em torno de 20,0% do total, para o período 1985/1995, sendo que as importações do exterior aumentaram sua participação no total importado de 3,1% em 1985, para 6,8% em 1990; e 13,8% em 1995. Internamente, a maior parcela das importações são originárias da região Sudeste (64,8% em 1995).

A região Nordeste exporta relativamente pouco de sua produção agropecuária, apenas 11,6% da produção foi exportada em 1995. Sendo que desse total 2,2% foi exportado para o exterior, 42,4% foram exportações DI para as regiões do Brasil, e 34,4% foram exportações DF, ou seja, a maior parte das exportações da agropecuária da região Nordeste vai servir como insumo nas agroindústrias das outras regiões do país. Internamente, as maiores exportações são para a região Sudeste do país; um total (DI+DF) de 44,4%.

As exportações da agroindústria da região Nordeste corresponderam para os anos de 1985, 1990 e 1995, respectivamente, 30,5%, 28,0% e 27,9% do total produzido por esse segmento do agronegócio da região. Ocorreu, portanto, uma diminuição relativa das exportações desse segmento. Um detalhe importante é que mais da metade dessas exportações tem como destino outros países, como ocorreu em 1995 quando 52,4% das

exportações foram para o exterior. Internamente, o maior comprador de produtos das agroindústrias do Nordeste é a região Sudeste do país. A maior parte das exportações por vias internas desse setor tem como destino a demanda intermediária das regiões.

6 CONCLUSÕES

O agronegócio da região Norte é relativamente o que apresenta a menor participação na composição do total desse setor para o Brasil. Este, porém, é importante na produção de bens e serviços da região, apesar de apresentar tendência de diminuição de importância na economia regional. Sua principal característica é agregar pouco valor ao produto agropecuário, pois seu agregado III é pouco representativo, apesar de sua agroindústria ter boa participação. O fator limitante estaria, então, no segmento de distribuição final do complexo agroindustrial da região. As exportações do agronegócio da região são importantes, já que representavam $\frac{1}{4}$ do valor total produzido pelo setor e quase 7% do PIB regional em 1995, sendo que a maior parte de suas vendas tem como destino a região Sudeste do país.

A região Nordeste apresenta um setor de agronegócio em fase de transição. Este é importante para a região, participando, em média, no período analisado, com mais de $\frac{1}{3}$ do valor total de bens e serviços produzidos na região. A principal característica do agronegócio da região Nordeste é apresentar uma agroindústria pouco representativa, o que dificulta o processo de agregação de valor. As exportações do setor são mais importantes, relativamente ao total exportado pelo Brasil, do que o total de exportações da região, ou seja, enquanto estas exportações representam menos de 10% do total exportado pelo país, as exportações do agronegócio dessa região representam quase 17% do total exportado pelo agronegócio brasileiro. Do total produzido pelo agronegócio da região Nordeste, 8,4% foram exportados em 1995, tendo como principal comprador os países do Exterior.

BIBLIOGRAFIA

- ARAÚJO, N.B.; et al. **Complexo agroindustrial: o “agribusiness” brasileiro**. São Paulo: Agroceres, 1990. 238p.
- ARAÚJO, T.B. de Nordeste, Nordestes: que Nordeste? In: AFFONSO, R.B.A.; SILVA, P.L.B. (org.) **Desigualdades regionais e desenvolvimento - (Série Federalismo no Brasil)**. São Paulo: FUNDAP: Editora da UNESP, 1995. p.125-156.
- BAER, W. **A economia brasileira**. São Paulo: Nobel, 1986. 416p.
- BRASIL, Congresso Nacional, Comissão Especial Mista. **Desequilíbrio econômico inter-regional brasileiro**. Relatório Final. Brasília, 1993. v.1, 110p.
- BUARQUE, S.C.; LOPES, A.D.; ROSA, T.C. Integração fragmentada e crescimento da fronteira Norte. In: AFFONSO, R.B.A.; SILVA, P.L.B. (org.) **Desigualdades regionais e desenvolvimento - (Série Federalismo no Brasil)**. São Paulo: FUNDAP: Editora da UNESP, 1995. p.93-123.
- CANO, W. **Desequilíbrios regionais e concentração industrial no Brasil-1930/1995**. 2 ed. rev. ampl. Campinas:UNICAMP.IE, 1998. 421 p. (coleção 30 anos de economia – Unicamp, 2).
- CANO, W. **Desequilíbrios regionais e concentração industrial no Brasil-1930/1970**, Campinas, DEPE/IFCH/UNICAMP, 1981, 4v., 447p. (Tese de Livre-Docência).
- CONSIDERA, C.M.; MEDINA, M.H. PIB por unidade da federação: valores correntes e constantes. **Texto para discussão n.610**. Rio de Janeiro:IPEA, 1998. 32p. (acompanha disquete de dados).
- CROCOMO, F.C.; GUILHOTO, J.J.M. As relações inter-regionais e intersetoriais das macrorregiões da economia brasileira em 1985. In: MONTROYA, M.A. (org) **Relações intersetoriais do Mercosul e da economia brasileira: uma abordagem de equilíbrio geral do tipo insumo-produto**. Passo fundo: Ediupf, 1998. Cap. 7.
- DAVIS, J.H.; GOLDBERG, R.A. **A concept of agribusiness**. Boston: Harvard Graduate School of Business Administration, 1957. 152p.
- FURTUOSO, M.C.O. O produto interno bruto do complexo agroindustrial brasileiro. Piracicaba, 1998, 277p. Tese (doutorado) - Escola Superior de Agricultura "Luiz de Queiroz", Universidade de São Paulo.
- GUIMARÃES NETO, L. Desigualdades regionais e federalismo. In: AFFONSO, R.B.A.; SILVA, P.L.B. (org.) **Desigualdades regionais e desenvolvimento - (Série Federalismo no Brasil)**. São Paulo: FUNDAP: Editora da UNESP, 1995. p.13-59.

- HOFFMANN, R. et al **Inovações tecnológicas e transformações recentes na agricultura brasileira**. Relatório de Pesquisa, Piracicaba: FEALQ, 1985, 4v., 780p.
- LAUSCHNER, R. **Agribusiness, cooperativa e produtor rural**. São Leopoldo: UNISINOS, 1995. 296p. 2^a ed.
- MALASSIS, L. La structure et l'évolution du complexe agri-industriel d'après la comptabilité nationale française. **Économies et Sociétés**. Paris, v.3, n.9, p1667-1687, set. 1969.
- MARTINE, G.A evolução espacial da população brasileira. In: AFFONSO, R.B.A.; SILVA, P.L.B. (org.) **Desigualdades regionais e desenvolvimento - (Série Federalismo no Brasil)**. São Paulo: FUNDAP: Editora da UNESP, 1995. p.61-91.
- MONTOYA, M.A.; GUILHOTO, J.J.M. Mudança estrutural no agronegócio brasileiro e suas implicações na agricultura familiar. In: TEDESCO, J.C. (org) **Agricultura familiar: realidades e perspectivas**. Passo Fundo: Ediupf, 1999. (no prelo).
- PARRÉ, J.L. O agronegócio nas macrorregiões brasileiras: 1985 a 1995. Piracicaba, 2000. 191 p. Tese (doutorado) – Escola Superior de Agricultura Luiz de Queiroz, Universidade de São Paulo.

Tabela 4: As transações comerciais do agronegócio da região Norte.

Região Norte	1985		1990		1995	
Agregados do agronegócios	Valores	%	Valores	%	Valores	%
I – Montante	2803,7		89553,5		105555,4	
Total de importações	923,2	100,0	31082,5	100,0	306370,7	100,0
Importados exterior	10,0	1,1	699,0	2,2	16770,8	5,5
Importações do NE	46,4	5,0	1698,0	5,5	14556,1	4,8
Importações do CO	14,5	1,6	840,2	2,7	4586,5	1,5
Importações do SE	716,7	77,6	24425,6	78,6	225346,1	73,6
Importações do SU	135,7	14,7	3419,8	11,0	45111,4	14,7
Importações / montante		32,9		34,7		29,0
II - Produção Agropecuária (PA)	6842,8		179638,9		296157,4	
Total de exportações – PA	4259,9	100,0	83473,5	100,0	1436156,8	100,0
exportações para o Exterior	290,4	6,8	9386,7	11,2	76379,7	5,3
Total de exportações DI	2411,6	56,6	53745,6	64,4	901389,2	62,8
exportações DI para NE	55,2	1,3	877,5	1,1	15157,6	1,1
exportações DI para CO	151,2	3,6	2960,4	3,5	61536,8	4,3
exportações DI para SE	1256,4	29,5	28801,8	34,5	447414,1	31,2
exportações DI para SUL	948,8	22,3	21105,8	25,3	377280,7	26,3
Total de exportações DF	1557,9	36,6	20341,2	24,4	458387,9	31,9
exportações DF para NE	9,4	0,2	137,2	0,2	2867,7	0,2
exportações DF para CO	104,0	2,4	1471,8	1,8	37410,8	2,6
exportações DF para SE	1111,9	26,1	14841,8	17,8	317973,7	22,1
exportações DF para SUL	332,7	7,8	3890,3	4,7	100135,7	7,0
Exportações / PA		62,3		46,5		48,5
III – Jusante	7835,5		226518,1		3360990,0	
Produção Agroindustrial (PAI)	3389,7		96467,3		1402198,2	
Total de exportações – PAI	1203,0	100,0	33275,0	100,0	446870,8	100,0
exportações para o Exterior	215,9	18,0	15684,4	47,1	194300,4	43,5
Total de exportações DI	371,0	30,8	8118,7	24,4	108908,2	24,4
exportações DI para NE	8,4	0,7	168,2	0,5	2467,5	0,6
exportações DI para CO	27,2	2,3	555,2	1,7	10487,0	2,3
exportações DI para SE	232,7	19,3	5130,6	15,4	60578,0	13,6
exportações DI para SUL	102,6	8,5	2264,8	6,8	35375,8	7,9
Total de exportações DF	616,1	51,2	9471,8	28,5	143662,2	32,1
exportações DF para NE	53,3	4,4	697,9	2,1	11296,7	2,5
exportações DF para CO	37,8	3,1	617,4	1,9	10866,3	2,4
exportações DF para SE	404,1	33,6	6506,7	19,6	92403,6	20,7
exportações DF para SUL	120,9	10,1	1649,9	5,0	29095,6	6,5
Exportações / PAI		35,5		34,5		31,9
Total de exportações (PA + PAI)	5462,9		116748,5		1883027,6	
AGRONEGÓCIO	17482,1		495710,4		7378120,8	
Exportações Totais / Agronegócio		31,2		23,6		25,5
PIB regional	58085,7		1589858,5		28185311,7	
Exportações Totais / PIB regional		9,4		7,3		6,7
Agronegócio / PIB regional		30,1		31,2		26,2

Fonte: Resultados da pesquisa. Obs.: Os valores são indicados em moeda corrente.

Tabela 5: As transações comerciais do agronegócio da região Nordeste.

Região Nordeste	1985	1990	1995
-----------------	------	------	------

Agregados do agronegócio	Valores	%	Valores	%	Valores	%
I - Montante	9179,7		213372,0		2922013,7	
Total de importações	1894,1	100,0	47568,5	100,0	585716,8	100,0
Importados exterior	59,1	3,1	3222,7	6,8	80970,3	13,8
Importações do N	5,6	0,3	88,0	0,2	1712,4	0,3
Importações do CO	34,5	1,8	1306,4	2,7	10359,4	1,8
Importações do SE	1416,8	74,8	35452,3	74,5	379395,8	64,8
Importações do SU	378,1	20,0	7499,1	15,8	113279,1	19,3
Importações / montante		20,6		22,3		20,0
II - Produção Agropecuária (PA)	26418,7		532213,6		9047713,6	
Total de exportações - PA	2675,0	100,0	58700,0	100,0	1048776,9	100,0
exportações para o Exterior	1141,9	42,7	15914,7	27,1	242956,5	23,2
Total de exportações DI	908,4	34,0	25832,6	44,0	444977,8	42,4
exportações DI para N	1,4	0,1	46,9	0,1	922,2	0,1
exportações DI para CO	66,5	2,5	1677,0	2,9	36291,0	3,5
exportações DI para SE	495,6	18,5	14487,7	24,7	228532,1	21,8
exportações DI para SUL	344,8	12,9	9621,0	16,4	179232,6	17,1
Total de exportações DF	624,7	23,4	16952,7	28,9	360842,5	34,4
exportações DF para N	34,5	1,3	1176,5	2,0	21895,8	2,1
exportações DF para CO	39,6	1,5	1147,9	2,0	27843,9	2,7
exportações DF para SE	423,8	15,8	11593,2	19,7	236590,1	22,6
exportações DF para SUL	126,8	4,7	3035,2	5,2	74512,6	7,1
Exportações / PA		10,1		11,0		11,6
III - Jusante	37598,5		775257,1		12132242,7	
Produção Agroindustrial (PAI)	13513,8		226578,6		3491705,6	
Total de exportações - PAI	4118,2	100,0	63391,9	100,0	972739,0	100,0
exportações para o Exterior	2374,0	57,6	28843,4	45,5	509495,5	52,4
Total de exportações DI	1134,4	27,5	22929,3	36,2	289456,2	29,8
exportações DI para N	20,9	0,5	593,0	0,9	10111,3	1,0
exportações DI para CO	28,9	0,7	790,3	1,2	11957,1	1,2
exportações DI para SE	793,3	19,3	15093,0	23,8	176751,1	18,2
exportações DI para SUL	291,3	7,1	6453,1	10,2	90636,7	9,3
Total de exportações DF	609,8	14,8	11619,2	18,3	173787,3	17,9
exportações DF para N	196,6	4,8	5481,9	8,6	67521,3	6,9
exportações DF para CO	27,7	0,7	469,5	0,7	8633,5	0,9
exportações DF para SE	296,7	7,2	4445,2	7,0	74311,0	7,6
exportações DF para SUL	88,8	2,2	1222,5	1,9	23321,4	2,4
Exportações / PAI		30,5		28,0		27,9
Total de exportações (PA + PAI)	6793,2		122091,9		2021515,8	
AGRONEGÓCIO	73197,0		1520842,6		24101970,0	
Exportações Totais / Agronegócio		9,3		8,0		8,4
PIB regional	193262,3		4909440,7		85087465,1	
Exportações Totais / PIB regional		3,5		2,5		2,4
Agronegócio / PIB regional		37,9		31,0		28,3

Fonte: Resultados da pesquisa. Obs.: Os valores são indicados em moeda corrente.

Quadro 1: Matriz insumo-produto simplificada para dimensionar o agronegócio da região Nordeste (M) do Brasil.

Setores			NORDESTE – (M) (Compras)				Demanda Intermediária (A)					Demanda Final (Y)					Total Produtos		
			Agropec	...	agroind.	...	Transp/com.	Serviços	N	NE	CO	SE	Sul	N	NE	CO		SE	Sul
			1	...	7	...	16	17	(L)	(M)	(N)	(O)	(P)	(L)	(M)	(N)		(O)	(P)
NORDESTE – (M) (Vendas)	1	Agropecuária	$Z_{1,1}$...	$Z_{1,7}$...	$Z_{1,16}$	$Z_{1,17}$	Z_1^{ML}	Z_1^{MM}	Z_1^{MN}	Z_1^{MO}	Z_1^{MP}	Y_1^{ML}	Y_1^{MM}	Y_1^{MN}	Y_1^{MO}	Y_1^{MP}	X_1

	7	Agroindústria	$Z_{7,1}$...	$Z_{7,7}$...	$Z_{7,16}$	$Z_{7,17}$	Z_7^{ML}	Z_7^{MM}	Z_7^{MN}	Z_7^{MO}	Z_7^{MP}	Y_7^{ML}	Y_7^{MM}	Y_7^{MN}	Y_7^{MO}	Y_7^{MP}	X_7

16	Transp/comer.	$Z_{16,1}$...	$Z_{16,7}$...	$Z_{16,16}$	$Z_{16,17}$	Z_{16}^{ML}	Z_{16}^{MM}	Z_{16}^{MN}	Z_{16}^{MO}	Z_{16}^{MP}	Y_{16}^{ML}	Y_{16}^{MM}	Y_{16}^{MN}	Y_{16}^{MO}	Y_{16}^{MP}	X_{16}	
17	Serviços	$Z_{17,1}$...	$Z_{17,7}$...	$Z_{17,16}$	$Z_{17,17}$	Z_{17}^{ML}	Z_{17}^{MM}	Z_{17}^{MN}	Z_{17}^{MO}	Z_{17}^{MP}	Y_{17}^{ML}	Y_{17}^{MM}	Y_{17}^{MN}	Y_{17}^{MO}	Y_{17}^{MP}	X_{17}	
Importações Exterior (R)			m_1^R	...	m_7^R	...	m_{16}^R	m_{17}^R	SETORES:										
Impostos indiret. líq. (II)			Π_1	...	Π_7	...	Π_{16}	Π_{17}	1-agropecuária										
Importações - Norte (L)			m_1^L	...	m_7^L	...	m_{16}^L	m_{17}^L	2-mineração										
Importações - CO (N)			m_1^N	...	m_7^N	...	m_{16}^N	m_{17}^N	3-minerais não-metálicos										
Importações - SE (O)			m_1^O	...	m_7^O	...	m_{16}^O	m_{17}^O	4-metalurgia e mecânica										
Importações – Sul (P)			m_1^P	...	m_7^P	...	m_{16}^P	m_{17}^P	5-material elétrico										
Impostos sobre atividade			T_1	...	T_7	...	T_{16}	T_{17}	6-material de transporte										
Valor Adicionado			VA_1	...	VA_7	...	VA_{16}	VA_{17}	7-agroindústrias										
Total Insumos			X_1	...	X_7	...	X_{16}	X_{17}	8-celulose, papel e gráfica										
									9-borracha										
									10-química										
									11-farmacêutica e perfumaria										
									12-plásticos										
									13-indústrias diversas										
									14-energia, saneamento e comunicações										
									15-construção civil;										
									16-transporte e comércio;										
									17-serviços										

Fonte: Elaboração do autor.